

Os Sofistas e a Democracia / 15 nars 2014, Patrick Danau, Ph. D | Le Devoir de philo / trad. por Henrique Iwao, out 2018

A 2500 anos surgiram em Atenas os primeiros marqueteiros da história.

« [O sofista] é um sapateiro que sabe vender calçados grandes para pés pequenos ». Do filósofo Michel Montaigne.

« Para os atenienses do século V antes de Cristo, ter a habilidade de falar ou saber falar bem era um mérito essencial à adquirir: naquele tempo, todas as grandes decisões resultavam de debates públicos; a palavra era um meio de ação privilegiado ». Da helenista francesa Jacquelin de Romilly.

« Mestres em suas casas! » « Sim, nós podemos » « Doamo-nos a Legault! ». Recomeça. A estação das eleições chegou e, com ela, as fórmulas e peças publicitárias. Nos postes dos bairros das cidades, ao longo das autoestradas ou cravados nos campos das nossas zonas rurais, os letrados exibem orgulhosamente a cara dos candidatos e os slogans das coligações que eles representam. Nada de novo, dirão vocês. E vocês terão razão!

Pois a política das fórmulas e dos slogans é mais antiga que parece. Mais antiga que a Revolução Francesa, que a invenção da imprensa e que a bússola. Mais antiga até mesmo que Júlio César! Mas quando ela surgiu?

Foi em Atenas, no século V antes de Cristo, que indivíduos de status ambíguo e reputação contestada conceberam pela primeira vez que a imagem podia se mercantilizar, a política se vender e o discurso público se monetizar. Esses indivíduos foram chamados de sofistas, e nossos marqueteiros e especialistas da comunicação política de hoje em dia são seus distantes descendentes.

Um lugar de predileção

« A gente mal pode imaginar a que ponto essa cidade pôde ser rica e poderosa », afirmou-me um dia um arqueólogo, quando eu visitava a Ágora de Atenas, com meus alunos. No século V antes de Cristo, a jovem democracia, depois de ter vencido o império Persa e se assegurado da hegemonia do mar Egeu e uma boa parte do Mediterrâneo, havia tornado-se uma cidade riquíssima e poderosa. Ela fundou um império militar e comercial que se estende da Itália do Sul até a Turquia. E contrariamente a outras cidades, ela é aberta ao mundo e não tem problemas quanto a acolher estrangeiros.

Dentre estes, comerciantes de um novo tipo apareceram: eles não vendem nem vinho, nem trigo, nem ouro. Eles vendem seu saber e ganham dinheiro, muito dinheiro.

Por que eles se enriqueciam? Porque os sofistas respondiam a uma necessidade, uma demanda, alguém diria hoje em dia, usando nosso vocabulário econômico. Essa demanda, é aquela da retórica, da arte de convencer. E muito naturalmente, a jovem democracia ateniense tornava-se seu lugar de predileção.

É preciso compreender que àquela época, a sociedade ateniense rica e toda poderosa, deu nascença a uma classe de cidadãos instruídos e bens de vida, para quem a carreira política se mostra como o melhor meio de adquirir um grande renome. Ora, na democracia, só há um meio de aceder ao poder: pela persuasão.

E para persuadir, é preciso utilizar habilmente a fala. É preciso então aprender a arte de discursar diante das assembleias. Essa arte, são os sofistas que a ensinam. É por isso que as portas da cidade estão amplamente abertas a eles.

A helenista francesa Jacqueline de Romilly: « para os atenienses do século V antes de Cristo, ter a habilidade para falar ou saber falar era

um mérito essencial à adquirir: o indivíduo, naquele tempo, podia se fazer ouvir diretamente e todas as grandes decisões resultavam de debates públicos; a fala era um meio de ação privilegiada. Nada espantoso, portanto, quanto a isso, que essa arte de ser orador, essa retórica, estivesse dentre os primeiros fins reivindicados pelo ensinamento dos sofistas ».

Como ficou claro, os sofistas são especialistas da comunicação pública. Suas competências se diversificam de várias formas. Alguns desempenhavam funções típicas de embaixadores em nome das cidades gregas: eles negociam os contratos ou participam ativamente da redação das constituições, dos acordos comerciais e dos tratados de paz. Outros são promotores: eles redigem os argumentos dos cidadãos, apresentados perante o tribunal. A esse respeito, eles são equivalentes aos nossos advogados modernos. Por fim, um número dentre aqueles que ensinam a retórica, em troca de remuneração, formam os futuros políticos.

E a atividade é lucrativa! Os mais favorecidos se enriquecem e adquirem uma fortuna mais que honorável. Citemos o sofista Hippias, no diálogo platônico de mesmo nome: « Se você apenas visse o dinheiro que eu mesmo juntei, você se espantaria. (...) Ao voltar à minha pátria portando esse dinheiro, eu o daria à meu pai para que ele e o resto da cidade ficassem surpresos e fulminados de estupor. Eu não estou longe de pensar que eu ganhei mais dinheiro que qualquer outro sofista ».

Duas visões da educação

Ninguém descreveu melhor as atividades dos sofistas que Platão. E nenhum criticou e detestou os sofistas tanto quanto Platão. Nada menos que sete diálogos platônicos tratam diretamente da influência, a seus olhos nefasta, dos sofistas.

Mas o que ele censura neles? Essencialmente, de corromper a política fazendo os jovens ambiciosos crer que é possível adquirir a sabedoria política em pouco tempo. E igualmente de desviar os jovens atenienses da educação tradicional pela qual um indivíduo de boa família é confiado a um sábio.

Mas eis que essa educação dos sábios, dos filósofos, é longa. A título de exemplo, Platão frequentou Sócrates durante mais de oito anos e Aristoteles, seu aluno, seguiu seu mestre durante vinte anos.

Em que consiste essa longa e penosa educação que Sócrates compara às dores do parto? Ela visa a forjar a alma do jovem homem através do contato com os poetas e os cidadãos honoráveis da cidade. Acompanhado de seu mestre sábio e erudito, ele se inicia na vida intelectual e toda sua educação é voltada para a investigação do belo, do bom e do verdadeiro.

Nada disso por parte dos sofistas: em poucas semanas, eis que um jovem político é formado, pronto para enfrentar a assembléia do povo e a defender tudo o que lhes é contrário. O sofista Hippias avisa seus jovens alunos: « nenhum ser humano terá o poder de refutar-lhes ».

Esse lucrativo comércio de conhecimento bate de frente na educação tradicional oferecida à juventude afortunada da cidade que, até então, era instruída por sábios.

A frequência dos sofistas tem apenas um objetivo: permitir a seu cliente enfrentar todas as as questões possíveis e por consequência, fazer uma brilhante carreira política, a qual proporciona honras, poder, renome e fortuna. Assim, toda a arte dos sofistas consiste em formar indivíduos capazes de persuadir, convencer, usar com destreza a fala e captar a atenção das multidões.

Recapitulando: em uma cidade democrática de Atenas, no século V antes de Cristo, duas visões da educação e da política se enfrentam: de

um lado, a educação tradicional assegurada pelos sábios, voltada para a busca da verdade. Do outro, aquela dos sofistas, breve e onerosa, onde a única finalidade é a obtenção de honrarias e o sucesso político.

Um legado ambíguo

Como vimos, os sofistas não agradam a todos. Aristoteles notou que todos os regimes podem se corromper: a monarquia pode se transformar em tirania (o poder de um único indivíduo autocrático) e a aristocracia pode se metamorfosear em oligarquia (o controle do estado por um pequeno grupo mal intencionado). Qual a forma corrompida da democracia, segundo Aristoteles? A demagogia, quer dizer, o poder dos grandes oradores, dos retóricos e dos sofistas, os quais lisonjeiam o povo e orientam, graças ao uso da retórica, a política.

Bastante mais tarde, em 1790, o filósofo e parlamentar britânico Edmund Burke (1729-1797) se inquietava com o desaparecimento dos ideais do Antigo Regime e antecipava com inquietude a nova e nascente democracia. Em suas brilhantes *Reflexões sobre a Revolução da França*, ele observa que « o tempo dos cavaleiros está revogado. Aquele dos sofistas, dos economistas e dos administradores o sucedeu ». Não há aí uma lição a tirar? Parece que a partir do momento em que nasce uma democracia, os especialistas da comunicação pública e os marqueteiros fazem sua aparição.

Estaria a atividade dos sofistas intimamente ligada a esta forma política única que é a democracia? Esta última, pode ela prescindir deles? Sem dúvida nós exageramos as virtudes da educação dos sábios. Sem dúvida nós amplificamos a baixeza dos sofistas. Não obstante, eu persisto em acreditar que a vida política de nossas democracias é refém dos fazedores de imagens e seus slogans lacônicos. A retórica e os anúncios vazios me irritam.

Eu tenho dificuldade de levar um político a sério, mesmo que este seja instruído e inteligente, quando ele afirma « ocupar-se dos verdadeiros negócios ». Não podemos achar melhores? Não seria um ganho cercar-se de sábios no lugar dos sofistas habituais? A meus olhos, tudo isso soa falso.

O filósofo Michel de Montaigne utilizava uma fórmula divertida para descrever os sofistas: « é um sapateiro que sabe vender um calçado grande para pés pequenos ». E Montaigne prosseguia: «Em Esparta tê-lo-iam mandado açoitar por fazer profissão de uma arte enganadora e mentirosa ».

A campanha eleitoral

Em alguns dias, bem enfiados em nossas poltronas, nós assistiremos ao tradicional debate dos candidatos, momento chave de toda campanha eleitoral em regime democrático. É de se apostar que os mestres das principais coligações terão sido formados por nossos sofistas modernos.

Sem dúvida, teremos direito a ataques calculados, a slogans repetidos e a formulas lapidares. Eu faço o voto bastante ingênuo que nossos políticos façam poucas dos conselhos desses sofistas e que antes de se apresentarem diante de nós, no silêncio da reflexão, eles escutem suas vozes interiores e falem com sinceridade, usando as palavras que são as suas. Mas temo ser decepcionado.

O autor é professor de filosofia no cegep Garneau de Quebeque.